

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

ARTE NA EDUCAÇÃO: MÚSICA, TEATRO E DANÇA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ARTE NA EDUCAÇÃO: MÚSICA, TEATRO E DANÇA

DISCIPLINA:
JOGOS E BRINCADEIRAS MUSICAIS
RESUMO
O “brincar” é uma estratégia que chama a atenção das crianças e adolescentes, envolvendo-as de maneira interessada na construção do conhecimento, incluindo a prática da interdisciplinaridade.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO RESPEITO AO UNIVERSO INFANTIL A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA - OUVINDO SONS E RUÍDOS A CONSTRUÇÃO DE AMBIENTES ADEQUADOS PARA AS AULAS DE MÚSICA ESPAÇOS ADEQUADOS, SEMPRE QUE POSSÍVEL
AULA 2 INTRODUÇÃO JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS COM UTILIZAÇÃO DE BRINQUEDOS JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO E MEMÓRIA JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS PARA TRABALHAR A QUESTÃO DO TEMPO E ESPAÇO SUGESTÕES ADICIONAIS PARA OS JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS
AULA 3 INTRODUÇÃO JOGOS MUSICAIS PARA DESENVOLVIMENTO AUDITIVO E MELÓDICO RECURSOS MULTIMÍDIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUDIÇÃO E CONHECIMENTO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS JOGOS COM ÊNFASE NA DINÂMICA MUSICAL E ALTURA DOS SONS (GRAVE, MÉDIO, AGUDO, FORTE E FRACO, CRESCENDO, DIMINUENDO) NOÇÕES DE MELODIA NA ESCRITA E NA LEITURA MUSICAL
AULA 4 INTRODUÇÃO JOGOS MUSICAIS PARA A INTEGRAÇÃO COM AS ARTES CÊNICAS BRINCADEIRAS MUSICAIS PARA A INTEGRAÇÃO COM AS ARTES PLÁSTICAS MÚSICA, ARTES E HISTÓRIA BRINCADEIRAS E ATIVIDADES MUSICAIS ENVOLVENDO DIFERENTES CULTURAS
AULA 5 INTRODUÇÃO DESENHANDO PARA EXPRESSAR IMAGENS SONORAS PRÁTICAS ENVOLVENDO A CRIAÇÃO DE PAISAGENS SONORAS PAISAGENS SONORAS, IMAGENS E CANÇÕES JOGOS MUSICAIS E O COTIDIANO

AULA 6

INTRODUÇÃO

JOGOS MUSICAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTERDISCIPLINARIDADE

A PRÁTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE JUNTO AO ENSINO MUSICAL

JOGOS E RECURSOS MULTIMÍDIA PARA O ENSINO DE MÚSICA E INSTRUMENTOS MUSICAIS

REVISÃO DE JOGOS SELECIONADOS PARA AS AULAS DE JOGOS MUSICAIS EM SALA DE AULA

BIBLIOGRAFIAS

- TEIXEIRA, M. I. S. M. A trajetória Histórica da Educação Musical e a influência dos paradigmas da educação. Dissertação de Mestrado. PUCPR, 2007.
- WISNIK, J. M. O som e o sentido: uma outra história da música. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RODRIGUES, I. A. Rítmica de Émile Jaques Dalcroze. Genebra: Instituto Dalcroze, 1997.

DISCIPLINA:

O ENSINO DE ARTE

RESUMO

Quando falamos em ensino de arte, temos de ficar atentos para as diversas modalidades no qual ele pode estar inserido. Ele pode ser realizado em um ateliê, onde os alunos buscam por conhecimentos específicos e apontados por eles mesmos, ou são atraídos por propostas prévias feitas pelo instrutor – no caso, o professor. Esse ensino também pode ser trabalhado em sala de aula, onde os alunos são matriculados desde a infância e recebem conhecimentos sobre arte embasados em documentos e materiais didáticos que norteiam o fazer artístico-pedagógico de seus professores. A questão é: qual a diferença entre esses dois meios descritos? Uma divisão bem abrangente divide esses dois modos de ensinar arte.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SOBRE A ARTE NA ESCOLA

DOCUMENTOS PÚBLICOS EMBASADORES

TRAJETÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL OS PRIMEIROS PASSOS

A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E FATOS POSTERIORES

O MOVIMENTO DE ARTE MODERNA E FATOS POSTERIORES

AULA 2

NACIONAIS PARA O ENSINO DA ARTE

BNCC: COMPETÊNCIAS

BNCC: OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES

O PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE

ARTE COMO LINGUAGEM

AULA 3

ARTE E COTIDIANO

A ABORDAGEM TRIANGULAR

A INDÚSTRIA CULTURAL E O ENSINO DA ARTE
ESCOLA: UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO
RAZÕES PARA ENSINAR ARTE NA ESCOLA

AULA 4

ARTES VISUAIS: ABORDAGENS E METODOLOGIAS
OBRAS DE ARTE NA SALA DE AULA
ARTES VISUAIS: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS
A MÚSICA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
MÚSICA: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS

AULA 5

A DANÇA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
O TEATRO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
BNCC: ARTES INTEGRADAS
ARTES VISUAIS: PROPOSTAS DE INTERAÇÃO COM DANÇA E TEATRO
A AVALIAÇÃO EM ARTE

AULA 6

A ESCOLA INCLUSIVA
A BNCC DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA CEGOS
A SOCIEDADE PESTALOZZI, A APAE E OUTRAS INSTITUIÇÕES
A ARTE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O PAPEL DO EDUCADOR

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- BARBOSA, A. M. T. B. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.
- FREIRE, P. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DISCIPLINA:
ARTE E CULTURA

RESUMO

O objetivo deste material é compreender os conceitos de cultura e culturas populares, tendo como ciências norteadoras a história e a antropologia. A ideia proposta é nos desvencilhar de concepções pré-concebidas e tentar compreender a importância de um olhar mais analítico sobre as culturas. Também é importante superar a ideia de que conhecimento formal ou condição social privilegiada são sinônimos de ter cultura. A história, por sua vez, nos fará perceber como os intelectuais, ao longo do tempo, foram transformando os seus olhares sobre o e valorizando tanto a diversidade quanto às dimensões populares das culturas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O CONCEITO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA
ETNOCENTRISMO

RELATIVISMO E ALTERIDADE
CULTURAS POPULARES: UM CONCEITO PLURAL
FOLCLORE VERSUS CULTURA POPULAR

AULA 2

IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS
CULTURA POPULAR NACIONAL EM SÍLVIO ROMERO E MÁRIO DE ANDRADE
INTELECTUAIS E ESTADO: ENTRE O POPULAR E O NACIONAL
O NACIONAL E O LOCAL
AS IDENTIDADES REGIONAIS: POPULAR VERSUS MODERNO

AULA 3

CULTURAIS MUNDIALIZADAS
CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSAS
URBANIDADE E MODERNIZAÇÃO
PATRIMÔNIO IMATERIAL
MESTRES E MESTRAS

AULA 4

ARTE OU ARTESANATO?
A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A MÚSICA POPULAR DO BRASIL
O SAMBA E O NACIONAL-POPULAR
MÚSICA, RITUAL E RITMOS REGIONAIS
PATRIMONIALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS ARTES POPULARES

AULA 5

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA
O TRÂNSITO, A PLURALIDADE E O SINCRETISMO RELIGIOSO
CONVIVÊNCIA RELIGIOSA
RELATOS DE CAMPO
O CULTO AOS SANTOS NÃO OFICIAIS

AULA 6

NARRATIVAS POPULARES: MITOS
NARRATIVAS POPULARES: LENDAS
O TRABALHO COLETIVO COMO FESTA
A ARQUITETURA POPULAR
A FOLKCOMUNICAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- VIVEIROS DE CASTRO, M. Laura. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro. n. 147, pp. 69-78, 2001. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Cultura_e_Saber/CNFCP_Cultura_Saber_do_Povo_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf.
- LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- AYALA, M.; AYALA, M. I. Cultura popular no Brasil. São Paulo: Ática, 1987.

DISCIPLINA: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
RESUMO
O cinema é arte que fascina o homem desde sua criação, há mais de 120 anos. A arte cinematográfica passou por muitas mudanças ao longo do tempo, e aqui abordaremos especialmente seus primórdios.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 A CRIAÇÃO OFICIAL DO CINEMA O CINEMA-ESPETÁCULO DO CINEMA ARTESANAL AO CONCEITO DE CINEMA INDUSTRIAL O INÍCIO DO CINEMA EM OUTROS PAÍSES
AULA 2 A SENSÇÃO DE “REALIDADE” DO CINEMA A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A SEMIÓTICA APLICADA À LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A IDEOLOGIA E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
AULA 3 OS DIFERENTES ÂNGULOS DE CÂMERA E SEUS EFEITOS PLANO CAMPO RITMO
AULA 4 CONTINUIDADE MONTAGEM MISE EN SCÈNE ATOES
AULA 5 A CHEGADA DO CINEMA "FALADO" O SOM E SUAS VERTENTES NO CINEMA A COR NO CINEMA A LUZ NO CINEMA
AULA 6 OS GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS ROTEIRO ENREDO ESTILO E ORIGINALIDADE DOS CINEASTAS
BIBLIOGRAFIAS
• NEPOMUCENO, L. P. O. Cinema, tecnologia e administração: o uso da linguagem cinematográfica como apoio à disciplina Teoria Geral da Administração. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Uninter. Curitiba, 2018.

- PARRY, R. A ascensão da mídia – A história dos meios de comunicação: de Gilgamesh ao Google. São Paulo: Campus, 2012.
- ROSENFELD, A. Cinema: arte & indústria. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DISCIPLINA: CORPO, DANÇA, EXPRESSÃO E MOVIMENTO
RESUMO
Para iniciarmos nossos estudos sobre a linguagem da dança, é imprescindível refletirmos sobre seus significados em diferentes espaços, os quais podem ser culturais/locais ou até mesmo temporais. Além disso, é necessário estudarmos sobre a ferramenta pela qual a dança torna-se possível: o corpo humano, que tem um funcionamento complexo e harmônico e é carregado de diferentes significados para cada povo.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 CONCEPÇÃO DE CORPO ANATOMIA E FISILOGIA HUMANA MOTRICIDADE HUMANA CORPO E CULTURA
AULA 2 CIVILIZAÇÕES ANTIGAS IDADE MÉDIA CORTES EUROPEIAS E BALLET CLÁSSICO DANÇA MODERNA
AULA 3 DANÇA CONTEMPORÂNEA A DANÇA NO BRASIL PRINCIPAIS COMPANHIAS DE DANÇA NO BRASIL PRINCIPAIS FESTIVAIS DE DANÇA NO BRASIL
AULA 4 OS DOCUMENTOS OFICIAIS LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) E A DANÇA PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)
AULA 5 LABAN: ESTUDO DOS MOVIMENTOS REFLEXÕES DE ISABEL MARQUES REFLEXÕES DE MÁRCIA STRAZZACAPPA REFLEXÕES DE GISELE ONUKI
AULA 6 CONCEITOS DE VIDEODANÇA CUNNINGHAM: O PIONEIRO DA VIDEODANÇA

**ANALÍVIA CORDEIRO: VIDEODANÇA NO BRASIL
O QUE ENVOLVE A PRODUÇÃO DE UMA VIDEODANÇA**

BIBLIOGRAFIAS

- BERTAZZO, I. Corpo vivo – Reeducação do movimento. Colaboração de Ana Marta Nunes Zanolli, Geni Gandra, Juliana Storto e Liza Osyer. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2003.
- MARQUES, I. A. Linguagem da dança: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

DISCIPLINA:
MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO DA MENTE

RESUMO

Esta disciplina consiste na abordagem das centrais da psicologia cognitiva da música em interface com as subáreas da musicologia, com destaque para a educação musical. Nesse sentido, nosso trabalho será orientado à construção de conhecimentos a partir das principais contribuições teóricas e empíricas da literatura especializada. Para tanto, procuraremos (a) compreender a relevância do conhecimento científico sobre os processos psicológicos envolvidos nas realizações musicais, (b) apontar as principais teorias e os resultados de pesquisas relacionadas ao desenvolvimento musical sob a ótica da psicologia cognitiva da música e (c) destacar algumas das propostas construídas a partir da intersecção entre psicologia, educação e música, por meio de uma leitura crítica e reflexiva acerca da produção nacional e internacional das últimas décadas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SURGIMENTO DA PSICOLOGIA COGNITIVA DA MÚSICA
O QUE HÁ ENTRE A MÚSICA E AS CIÊNCIAS COGNITIVAS?
UM DIÁLOGO ENTRE A NEUROCIÊNCIA E A COGNIÇÃO MUSICAL
IMPLICAÇÕES DOS ESTUDOS SOBRE COGNIÇÃO E NEUROCIÊNCIA PARA
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO MUSICAL

AULA 2

DA ENCULTURAÇÃO AO TREINAMENTO DE HABILIDADES MUSICAIS
AS CAPACIDADES REPRESENTACIONAIS, OS CONCEITOS E ESQUEMAS
COGNITIVOS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS
O DESENVOLVIMENTO MUSICAL NA INFÂNCIA
O DESENVOLVIMENTO MUSICAL ALÉM DA INFÂNCIA

AULA 3

PRINCIPAIS CONTRIBUTOS TEÓRICOS DE EDWIN GORDON
DESENVOLVIMENTO MUSICAL SEGUNDO KEITH SWANWICK
DESENVOLVIMENTO MUSICAL SOB A ÓTICA CONSTRUTIVISTA: APROXIMAÇÕES
ENTRE KEITH SWANWICK E JEAN PIAGET
TEORIA ESPIRAL DE SWANWICK E TILLMAN (1986)

AULA 4

PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA MOTIVAÇÃO

CRIATIVIDADE SOB O PRISMA PSICOLÓGICO E EDUCACIONAL: ASPECTOS CONCEITUAIS

ABORDAGENS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA CRIATIVIDADE

RELAÇÕES ENTRE MOTIVAÇÃO E CRIATIVIDADE: APORTES PARA O DESENVOLVIMENTO MUSICAL

AULA 5

OS CONHECIMENTOS METACOGNITIVOS E SUAS VARIÁVEIS

OS PROCESSOS DE REGULAÇÃO E CONTROLE METACOGNITIVO

OS BENEFÍCIOS DA METACOGNIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO MUSICAL

MÚSICA E METACOGNIÇÃO: DESAFIOS INVESTIGATIVOS E INTERVENCIONISTAS

AULA 6

O DETERMINISMO RECÍPROCO E A AGÊNCIA HUMANA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

AS CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA E A MOTIVAÇÃO PARA APRENDER E ENSINAR MÚSICA

A AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM MUSICAL

A APRENDIZAGEM MUSICAL POR OBSERVAÇÃO: A MODELAÇÃO SOCIAL EM FOCO

BIBLIOGRAFIAS

- BALTHAZAR, L.; FREIRE, R. A observação dos neurônios-espelho na performance musical: possibilidades de auxílio na iniciação musical instrumental. In: VIII SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, Anais... 2012, p. 3-10.
- VOLPE, M. A. Por uma nova musicologia. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília. 1, 2007, 107-122.
- TEIXEIRA, J. F. O que é filosofia da mente. 2. ed. Porto Alegre: Fi, 2016.

DISCIPLINA:

GINÁSTICA - ATIVIDADES E EXPRESSÕES RÍTMICAS

RESUMO

A ginástica constitui um conteúdo de certa forma dicotômico, pois apesar de possibilitar a base para uma diversidade de outros movimentos, práticas corporais e esportes, ela em si pode ser composta de elementos complexos e de dificuldade de ensino. Nosso estudo, durante as aulas seguintes, permeia o conhecimento geral sobre a ginástica, seus elementos funcionais, o ensino, o processo escolar e o planejamento, além das modalidades de ginásticas previstas para a escola. O resultado desse percurso será uma reflexão desafiadora do que fazemos cotidianamente de forma corriqueira, ou seja, um olhar diferente e mais aguçado para as estratégias diárias de planejar, escolher e organizar nossas aulas. Os principais desta disciplina são: 1. Os processos históricos da ginástica; 2. Aspectos técnicos – grupos corporais (elementos corporais); 3. Ensino da ginástica; 4. Considerações acerca do ensino da ginástica; 5. Relação professor e estudante.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

GRUPOS CORPORAIS (ELEMENTOS CORPORAIS)
ENSINO DA GINÁSTICA
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DA GINÁSTICA
RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE

AULA 2

METODOLOGIA DE TRABALHO SUGERIDA PELA BNCC
DIRETRIZES PARA O ENSINO DA GINÁSTICA – ENSINO MÉDIO
PLANEJAMENTO
SISTIZAÇÃO DE AULAS

AULA 3

GINÁSTICA PARA TODOS
UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS
PROCESSO DE COLABORAÇÃO E COLETIVIDADE
O CIRCO COMO POSSIBILIDADE

AULA 4

ROTINAS OBRIGATÓRIAS OU ESTRUTURAÇÃO DOS EXERCÍCIOS
SEGURANÇA NA MACRO
GINÁSTICA ACROBÁTICA NA ESCOLA
INCLUSÃO E AFETIVIDADE

AULA 5

APARELHOS DA GINÁSTICA RÍTMICA
GINÁSTICA ARTÍSTICA
APARELHOS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA
CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS GINÁSTICAS RÍTMICA E ARTÍSTICA

AULA 6

CONTEXTOS DE EXPRESSIVIDADE
COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA
SIS DE VARIÁVEIS E EXEMPLO DE UTILIZAÇÃO
EVENTOS GÍMNICOS

BIBLIOGRAFIAS

- CAETANO, A. P. F. et al. Vivenciando Ginástica: analisando as preferências gímnicas na disciplina ginástica geral do curso de educação física da universidade federal do Ceará. Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. especial, p. 197-210, maio 2015.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- AYOUB, E. Ginástica geral e educação física escolar. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2007.

DISCIPLINA:
MÚSICA E CRIATIVIDADE

RESUMO

Os capítulos foram organizados para que seja possível compreender o que é ser criativo na música, perceber quando um aluno é criativo, e saber propor atividades que estimulem um ambiente propício à criação. Para isso, um percurso foi traçado de modo que as primeiras aulas são dedicadas a discussões sobre o significado da criatividade, os elementos que devem ser considerados para identificar quando ela ocorre e as formas como esse tem sido investigado. Em seguida, apresentamos as formas de pensar a criatividade na área da música, e então seguimos para abordagens práticas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CRIATIVIDADE COMO ALGO NOVO E ÚTIL
CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO
O CONHECIMENTO E A REALIZAÇÃO CRIATIVA
APRENDIZAGEM CRIATIVA

AULA 2

ABORDAGEM PSICOMÉTRICA
ABORDAGEM SISTÊMICA
TEORIA DO INVESTIMENTO EM CRIATIVIDADE DE STERNBERG
MOTIVAÇÃO
PROCESSO COGNITIVO

AULA 3

O QUE, NA MÚSICA, É CRIATIVO?
ASPECTOS COGNITIVOS DA ESCUTA MUSICAL CRIATIVA
FUNÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO CRIATIVO
IMPLICAÇÕES PRÁTICAS: PESSOA CRIATIVA, PROCESSO CRIATIVO E PRODUTO CRIATIVO

AULA 4

O PENSAMENTO CRIATIVO EM MÚSICA
TEORIA DO FLUXO
CRIATIVIDADE E COMPOSIÇÕES EM SALA DE AULA
CRIATIVIDADE E TECNOLOGIA

AULA 5

IMITAÇÃO COM VARIAÇÃO
TROCA DE TURNO/CORRELAÇÃO E TEMPO REGULAR DOS TURNOS
A PEDAGOGIA DA INTERAÇÃO REFLEXIVA PARA A CRIATIVIDADE MUSICAL
CRIATIVIDADE E INTERAÇÃO REFLEXIVA

AULA 6

A CRIATIVIDADE POR MEIO DA IMPROVISACÃO
ATIVIDADES INTERATIVAS-REFLEXIVAS
ESTIMULANDO A CRIATIVIDADE EM PRÁTICAS DE CONJUNTO
AVALIANDO A CRIATIVIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- BEINEKE, V. Ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica. Revista da ABEM, Londrina, v. 23, n. 34, p. 42-57, 2015.
- KLEON, A. Roubé como um artista: 10 dicas sobre criatividade. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.
- SLOBODA, J. A. A mente musical. Londrina: EDUEL, 2008.

DISCIPLINA:
APRENDIZAGEM MUSICAL E MOTIVAÇÃO
RESUMO
A motivação para a aprendizagem é sempre uma questão inquietante para o professor de qualquer área. Além de dominar o conteúdo e a metodologia de ensino, é importante que o professor também saiba manejar a motivação do aluno, pois os diversos aspectos motivacionais envolvidos nos processos de aprendizagem podem ser determinantes para que o aluno se desenvolva e alcance um bom aproveitamento. No âmbito musical, essa característica é ainda mais importante já que estamos lidando com arte e inspiração.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 PERSPECTIVA BEHAVIORISTA PERSPECTIVA HUMANISTA PERSPECTIVA COGNITIVISTA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVISTA
AULA 2 MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA TEORIA DA AVALIAÇÃO COGNITIVA MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA TEORIA DA INTEGRAÇÃO ORGANÍSMICA
AULA 3 TEORIA DA AUTOEFICÁCIA TEORIA DO AUTOCONCEITO CONCEPÇÕES DE HABILIDADE DESENVOLVIMENTO DE CONCEPÇÕES DE HABILIDADES
AULA 4 EXPECTATIVAS DE SUCESSO CRENÇAS DE COMPETÊNCIA ATRIBUIÇÃO CAUSAL INTERESSE E REALIZAÇÃO
AULA 5 CATEGORIAS DE ORIENTAÇÃO DE OBJETIVOS DESENVOLVIMENTO DE ORIENTAÇÃO DE OBJETIVOS AUTORREGULAÇÃO AUTORREGULAÇÃO NA APRENDIZAGEM MUSICAL
AULA 6

CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS
CARACTERÍSTICAS COGNITIVAS
INFLUÊNCIA DO AMBIENTE
O PAPEL DE PROFESSORES E PARES

BIBLIOGRAFIAS

- CAMARA, S. A. dos S. Psicologia da aprendizagem. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.
- FONSECA, J. L. da. A motivação no processo de aprendizagem musical: estudo de caso no conservatório de música de Barcelos. Relatório de Estágio Profissional, Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2014.
- TORRES, E. de C. Estudos da motivação na performance musical: situação e novas direções. In: Anais Do 14o Colóquio de Pesquisa Do PPGM/UFRJ, 2:197- 205. Rio de Janeiro, 2015.

DISCIPLINA:
ESTUDOS POÉTICOS

RESUMO

Neste material serão abordados: teoria e crítica literárias; conceito de literatura e fundamentos teóricos dos estudos literários; o lugar da teoria literária e seu percurso histórico; aspectos essenciais da teoria para compreensão, análise e crítica dos elementos constitutivos das várias formas de prosa de ficção e da poesia; interseções na educação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

TEORIA
CRÍTICA
LITERATURA
TEXTO LITERÁRIO
OS ESTUDOS LITERÁRIOS HOJE

AULA 2

FORMALISMO RUSSO
NOVA CRÍTICA
ESTRUTURALISMO
CONVERGÊNCIAS
BALANÇO FINAL: A FORMA LITERÁRIA

AULA 3

A RELAÇÃO ENTRE O TEXTO E A REALIDADE: MIMESIS
A RELAÇÃO ENTRE O TEXTO E A REALIDADE: OPOSIÇÕES
SOCIOLOGIA DA LITERATURA
FORMA LITERÁRIA E PROCESSO SOCIAL
BALANÇO FINAL: A ABORDAGEM SOCIOLÓGICA HOJE

AULA 4

OS PRIMÓRDIOS: A HERMENÊUTICA
ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A AULA HISTÓRICA DE H. R. JAUSS
O ATO DA LEITURA, DE W. ISER
BALANÇO FINAL: A TEORIA DA LEITURA HOJE

AULA 5

PROBLEMATIZAÇÕES
O PÓS-ESTRUTURALISMO: LINGUAGEM E DESCONSTRUÇÃO
ROLAND BARTHES
PAUL DE MAN
BALANÇO FINAL: O PÓS-ESTRUTURALISMO HOJE

AULA 6

ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS LITERÁRIOS
CÂNONE E ANTICÂNONE
A CRÍTICA FEMINISTA
A CRÍTICA PÓS-COLONIAL
BALANÇO FINAL: OS ESTUDOS CULTURAIS HOJE

BIBLIOGRAFIAS

- NUNES, B. O caso da literatura ou falência da crítica? Revista Língua e Literatura, n. 24, p. 11-22, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/116029>.
- COMPAGNON, A. Literatura para quê? Tradução de Laura Teddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- TODOROV, T. Literatura em perigo. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

DISCIPLINA:

METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvem e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O QUE É ENSINO?
METODOLOGIAS DE ENSINO
METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO
SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE
METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS
METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS
TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

CULTURA DIGITAL
APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS
A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS
METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

EDUCAÇÃO INCLUSIVA
O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM
O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA
METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA
APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS
GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER
METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- BASSALOBRE, J. Ética, Responsabilidade Social e Formação de Educadores. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 311-317, mar. 2013.
- HENGEMÜHLE, A. Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- OLIVEIRA, L. A. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DISCIPLINA: **PRÁTICAS LÚDICAS**

RESUMO

Para iniciarmos esta disciplina, convidamos você a pensar em duas questões: O que é lúdico? O que é ludicidade? Arriscamos afirmar que não seria muito complicado propor algumas ideias gerais e respostas para essas questões. Isso acontece porque, de certa forma, o uso dos termos lúdico e ludicidade se popularizou e vários sentidos são compartilhados por sujeitos e instituições, seja para referir-se ao comportamento de um indivíduo, usar como estratégia de marketing para vender produtos ou serviços ou referir-se a objetos ou jogos. O uso dos termos lúdico e ludicidade também é comum entre os educadores. Influenciado por seu contexto e referencial teórico, cada autor atribui um

determinado sentido a esses termos. Ora lúdico é o jogo, o material, ora a pessoa ou a aula, por exemplo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À LUDICIDADE
PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA LUDICIDADE
CONTRIBUIÇÕES DE LEV VYGOTSKY E JEAN PIAGET
CONTRIBUIÇÕES DE JOHAN HUIZINGA
CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CAILLOIS

AULA 2

JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA
A BRINCADEIRA: O SIGNIFICADO DO FAZ DE CONTA NA VIDA DA CRIANÇA
A TRANSDISCIPLINARIDADE DO BRINCAR
DIFERENTES TIPOS DE LINGUAGEM: MÚSICA, ARTE E MOVIMENTO
O PRINCÍPIO DA INCLUSÃO NA BRINCADEIRA INFANTIL

AULA 3

ENTRE O CONHECIMENTO E A PERCEPÇÃO PESSOAL SOBRE LUDICIDADE
SABERES E COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR
CAMINHOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA: SABER PRÁTICO E SABER TEÓRICO
O LÚDICO E A EDUCAÇÃO INFANTIL
O LÚDICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AULA 4

AS FUNÇÕES DO JOGO NA EDUCAÇÃO: PRAZER E DESENVOLVIMENTO DE SABERES
O JOGO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: DESAFIOS E OPORTUNIDADES
CLASSIFICAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS JOGOS (PIAGET)
JOGOS DIGITAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM
ABORDAGEM LÚDICO-DIDÁTICA

AULA 5

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO LAZER
ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER: BRINQUEDOTECA
RECREIO ESCOLAR
EDUCAR PARA O LAZER
MOVIMENTO, RITMO, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

AULA 6

BRINQUEDO: CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS
BRINQUEDO: PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM
BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS
BRINQUEDOS COM MATERIAIS RECICLÁVEIS
BRINQUEDO ELETRÔNICO

BIBLIOGRAFIAS

- MASSA, M. de S. Ludicidade: da etimologia da palavra à complexidade do conceito. Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S.l.], n. 15, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2460>.
- ISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

